



FONTES FILHO, Osvaldo. *Merleau-Ponty, na trama da experiência sensível*. São Paulo: Editora Fap-Unifesp, 2012.

Claudinei Aparecido de Freitas da Silva
(UNIOESTE)

Somando-se a uma ampla produção literária em curso nos últimos anos sobre a obra de Merleau-Ponty, o trabalho recém publicado, *Merleau-Ponty, na trama da experiência sensível* de Osvaldo Fontes Filho, é um original estudo, oriundo da tese de doutoramento do autor na USP. Sob os cuidados editoriais da UNIFESP, esse projeto sela, sem dúvida, um marco decisivo, especialmente, por tratar-se de uma pesquisa que, a despeito de sua posição singularmente filosófica, explora importantes alianças conceituais com outros âmbitos disciplinares que vão desde a psicologia à biologia, passando pela literatura e pelas artes em geral. Nessa perspectiva, a noção de experiência, fio condutor do livro, comparece como um conceito-chave, aquilo que reacende o discurso concernente ao estatuto último da subjetividade, da natureza e da cultura. A redescoberta do inconsciente na psicanálise, a reorientação do método e do objeto nas ciências (em particular, a biologia de Gilbert Simondon, a física quântica e a teoria da relatividade), o caráter multifacetado da natureza da obra de arte (sobretudo, a pintura, o cinema e a ficção literária), a nova compreensão do homem e da história haurida pela antropologia, oferecem uma amostra viva dessa intrépida reorientação no pensamento contemporâneo. Ora, é em meio a esse vasto cenário que a figura de Merleau-Ponty toma lugar recriando, sem dúvida, um ambiente *sui generis* de debate, movido por agudas questões e desdobramentos. A revitalização da sua obra, ainda não integralmente publicada, transita por múltiplas vias e aproximações ampliando e aprofundando, ao mesmo tempo, o seu raio de abrangência. O filósofo (que, em 2008, completara o

centenário ano de nascimento e, em 2011, o cinquentenário ano de morte) recebe uma celebração digna nesse trabalho de fôlego de Osvaldo Filho. Merleau-Ponty é aqui reconstruído naquilo que a sua obra mais revive de maneira exemplar: a busca pela unidade viva entre a razão e a experiência, isto é, a trama comum que, mais intimamente, as envolve. Ao desconstruir a figura clássica do espectador imparcial e, portanto, absolutamente impermeável à experiência do mundo, Merleau-Ponty recompõe criticamente a noção de experiência sem, no entanto, reduzi-la, numa versão meramente empirista ou cientificista. Ora, que papel, mais propriamente, a experiência protagoniza nessa desconstrução? Que trama ela tece mais vivamente? Adentremos, então, o livro de Osvaldo Fontes Filho e acompanhemos seus passos nesta trilha. Um dado fundamental aí já é implacavelmente cortejado e explorado: a experiência se transfigura como abertura de um campo fecundo, o verdadeiro campo transcendental por excelência, desde onde, não há mais cisão, mas, coesão, entre homem e natureza, matéria e forma, eu e outrem. Dar voz à uma “fenomenologia da experiência”, temática inaugural do livro, é justamente enredar-se na trama ou emarranhar-se num circuito mais vasto em que o corpo, a linguagem, o outro, perpassados pela linhagem carnal do tempo, compõe um só enlace, um só enovelamento. Ora, é essa circularidade que se torna, na reflexão incessantemente perseguida por Merleau-Ponty, um movimento instituinte de interrogação, isto é, a lógica mesma de um discurso que não se fecha, uma vez que, antes de aspirar soluções, se defronta a todo tempo com enigmas. “Em matéria de filosofia”, notaria o pensador francês, “não há hierarquia de temas”. Tudo é primeiro, tudo é segundo. Ou numa palavra: só é possível filosofar em movimento concêntrico. Cada tema conclama outro, numa só interação concêntrica. Isso é a trama, ou seja, o trabalho mesmo de tessitura como uma operação intrínseca à própria práxis filosófica. É esse *modus operandi*, por excelência, que matiza a riqueza da “trama” como o mais autêntico signo da tarefa filosófica no momento em que Merleau-Ponty dá vazão a uma ideia de experiência não mais restritiva, mas abrangente, quer dizer, a perspectiva de uma racionalidade alargada, mais ampla que fora a tarefa de nosso século. O que Fontes Filho traz à baila é, na verdade, o aprofundamento de uma

metáfora capital da reflexão merleau-pontyana tardia, o sentido do “quiasma” como “a verdade da harmonia preestabelecida” numa alusão criticamente leibniziana. Trata-se, aqui, de reiterar a relação de princípio, a própria reversibilidade que há entre o homem e a natureza. Ora, é em vista desse aspecto que o intérprete coteja, nos cursos sobre a natureza de Merleau-Ponty, um sentido originário do mundo. Na contramão da cosmovisão cartesiano-objetivista, a natureza passa a ser compreendida, não como um território qualquer, mas, antes, como o solo primordial, aquilo que se revela como, ainda, não construído, não representado, enfim, o enigma do sensível. Aqui, ganha realce uma importante metáfora oriunda de Husserl, a verdadeira reflexão é aquela que implica um trabalho “arqueológico”, isto é, um retorno às origens mesmas da reflexão, em seu estado barroco. Trata-se, por princípio, de escavar o subsolo do pensamento, a Terra originária, como dimensão de uma experiência sensível, plástica, prévia ao plano puramente positivo, epistêmico. É retomando a intenção mais profunda desse labor arqueológico que Osvaldo Filho expõe, a toda prova, uma tese capital de Merleau-Ponty: a da “reabilitação ontológica do sensível”. O que, aí, se advoga? Surpreendentemente a ideia de que a natureza se revela como um Ser de experiência; experiência radical da sensibilidade, da corporeidade, da carnalidade, da linguagem, enfim, do mundo em sua mais abismal intensidade ontológica. A Natureza emerge, sob essa dimensão arquetipa, como Logos arcaico; ela é a própria transfiguração de um Ser Bruto, Espírito Selvagem, ou seja, o gênero de uma experiência produtora que não fora, ainda, depurada pela reflexão. A Natureza não se *constitui*, mas se *institui* como Ser de Indivisão. Numa palavra, é Carne. Disso deriva o seu caráter essencialmente originário, mas também global. Conforme nota Merleau-Ponty, a Natureza como Carne é o “meio formador do sujeito e do objeto”; o entremeio mesmo da trama da experiência do mundo a ser arqueologicamente adentrada, explorada. Via esse recuo, a tarefa que cabe à filosofia só pode operar sob outro ângulo de exigência transcendental: a interrogação ontológica da estrutura da experiência em sua trama mais própria: a inextrincável coesão do sensível como carne, entrelaçamento, quiasma. Nessa medida, o verdadeiro transcendental, descreve Merleau-Ponty, é o próprio mundo em sua figuração carnalmente

primeira como ser de experiência ao qual urge sempre retornar e reaprender a ver. É o que faz, por exemplo, o artista, muito bem retratado nas passagens ou paisagens finais do livro de Osvaldo Filho. Osvaldo traz à cena a figura de Cézanne posta em primeiro plano da reflexão estética de Merleau-Ponty na medida em que a arte do pintor francês vivificara o valor de uma experiência primordial em sua significação radicalmente ontológica, isto é, como experiência profusamente misteriosa. Nessa direção, a pintura cezanniana parece cada vez mais exprimir esse gesto, muitas vezes malogrado, de recriar o mundo em sua expressão genuinamente primordial. O artista sabe, ao menos, que é dessa matéria-prima que ele extrai a fecundidade de seu trabalho. Experimentar é criar. Ora, tudo se passa, na experiência pictórica, como se até o odor da paisagem impregnasse o quadro. O odor se encarna na tela, numa espécie de regime de promiscuidade. Por outro lado, o malogro do pintor espelha outra face curiosa: tudo também se passa como se ele, nesse extraordinário instante, perdesse seus direitos autorais. A verdade é que o mundo retratado se reconstrói ou se transfigura ante o olhar do espectador. Trata-se de um olhar que se tece, que habita a trama de um nível de experiência que deixou de ser reservada exclusivamente ao artista. A trama, aqui, é essa conjunção que se opera num nível mais radical, mais profundo e, por isso, insuspeito por um olhar que se exercesse somente de fora. Não é mais o mundo espacial euclidiano (região de objetos), mas o mundo como “fonte impalpável das sensações”, hábitat de um mistério originário, ontologicamente geológico. É a partir desse campo transcendentalmente aberto que se torna possível a emergência e o reconhecimento de outrem. Nisso, a trama da experiência desvela seu ardil: ela torna autenticamente reconhecível uma coesão mais íntima entre a minha carne e a carne de outrem, deflagrada pela minha carne com a carne do mundo. Me irmano ao outro por um mesmo laço “consanguíneo” que, por princípio se estende, numa ação mais global, à própria carne do mundo. Ele é como meu irmão gêmeo, já que perfazemos, um só parentesco, um só vínculo indissolúvel, uma só trama inexorável. Quando a minha mão direita toca a mão esquerda, não se sabe mais quem toca e quem é tocado. Se antevê, aí, o mistério de uma imbricação entre ação e paixão transfiguradas, ambigualmente, como indiscerníveis. Ora, é esse

mesmo paradoxo que se amplifica e se propaga quando se percorre outros níveis de experiência: quando aperto a mão de alguém, também não se sabe mais quem toca e quem sente. No fenômeno do olhar, o mesmo enigma se reitera: não se sabe mais quem vê e quem é visto, pois, a bem da verdade, o outro é meu espelho, já que só posso me ver através dele próprio. A carne de seu olhar reflete uma só tessitura, graças à uma dialética do visível e do invisível, tramada numa profusão de olhares feitos da mesma carne. Trata-se, aqui, daquele mesmo enigma tão profundamente sentido pelo artista, conforme acenado, ao confessar que a paisagem se encarna no próprio quadro vindo a exalar seu característico odor. Com efeito, esse enigma fundamental que Merleau-Ponty traz à tona, por intermédio de seu conceito de experiência ainda não se restringe, apenas, aos poucos exemplos, aqui, ilustrados. Seguindo a dinâmica e o ritmo do texto de Fontes Filho, nos defrontamos com outro tema candente, concentricamente ligado à estrutura de fundo de seu trabalho: a experiência da linguagem. Por meio dessa outra abertura, aquela mesma metamorfose que antes se assistia no exercício do gesto intercorporal ou intersubjetivo projeta novo alcance: ela se transfigura, admiravelmente, na experiência da fala. Entre o dizível e o indizível não há mais fronteiras. Um é, a bem da verdade, a cara-metade do outro. Há, entre o dito e o não dito, um só quiasma, uma só entrelaçamento ou trama mútua. É sob esse prisma que o autor, aqui, abre o ângulo do leitor para a importância da obra de Fernando Gil que lhe inspirara um fértil método crítico capaz de escavar um pensamento mais concreto; pensamento que parece se elaborar nos termos de uma “semântica natural” ou uma “pregnância das formas”. Nesse contexto, Gil é levado a se aproximar cada vez mais de Merleau-Ponty, mas também de Gabriel Marcel, que fora tocado pela concretude ontológica da experiência. Trata-se de uma experiência perpassada, inextrincavelmente, pela “trama da linguagem”, para parodiar Fontes Filho. Nessa intersecção, a ideia de uma semântica impregnante casa-se muito bem com aquele caráter profundamente paradoxal que Clarice Lispector descreve a propósito da práxis linguística: “Eu tenho à medida que designo – e este é o esplendor de se ter uma linguagem. Mas eu tenho muito mais à medida que não consigo designar. A realidade é a matéria-prima, a linguagem é o modo como vou

buscá-la – e como não acho. Mas é do buscar e não achar que nasce o que eu não conhecia, e que instantaneamente reconheço. A linguagem é o meu esforço humano. Por destino tenho que ir buscar e por destino volto com as mãos vazias. Mas – volto com o indizível. O indizível só me poderá ser dado através do fracasso de minha linguagem. Só quando falha a construção, é que obtenho o que ela não conseguiu” (Lispecor, *A Paixão Segundo G. H.* 7. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1979, p. 172). Ora, é essa trama que se inflama a todo o momento como experiência e que, certamente, evoca o sentido último de uma emblémática fórmula que encontramos em *Le Visible et l’Invisible*, a saber: a de que “a linguagem é o tema universal da filosofia”. É ainda essa ressonância também merleau-pontyana, impregnada na mesma atmosfera de Clarice ou, de Fernando Gil aludida por Fontes Filho, que aqui é posta sob o signo da experiência, o índice mesmo de que a experiência do saber carrega consigo o saber da experiência.